

Sobreviver: um imperativo

Mais de cem mil pessoas morreram em consequência dos ataques da Renamo, braço armado da desestabilização organizada e financiada pela África do Sul

Etevaldo Hipólito

O general Magnus Malan, ministro sul-africano da Defesa, acusou os presidentes Joaquim Chissano, de Moçambique, José Eduardo dos Santos, de Angola, e Kenneth Kaunda, da Zâmbia, de serem responsáveis por uma campanha "de inspiração soviética" contra seu país. Apesar de recorrer a um argumento já muito gasto, o tom das declarações (como ocorreu no período imediatamente anterior à morte do presidente Samora Machel, a 19 de Outubro do ano passado) era demasiado pesado para ser considerado mera retórica.

O alto chefe militar sul-africano reagiu, assim, contra a firme posição des-

ses dirigentes, apoiada por outros governos do continente africano, de rejeitar os resultados apresentados pela "Comissão Margo", criada por Pretória, para se pronunciar sobre a queda do avião que vitimou o presidente Samora Machel. Contrariando os procedimentos normais num caso dessa gravidade, o regime de Pieter W. Botha havia decidido unilateralmente dar o caso por encerrado, sem que os resultados apresentados tenham sido conclusivos.

Essa posição não foi aceite por Moçambique, que continuou a insistir no aprofundamento das investigações em torno do desastre, que ocorreu em território sul-africano (ver **terceiro mundo** n.º 95).

Apoiando-se em factos mais do que evidentes, as autoridades moçambica-

nas passaram a denunciar a responsabilidade de Pretória: durante uma visita à província de Cabo Delgado, ao norte do país, o presidente Chissano havia apresentado a morte do seu antecessor como um ato deliberado de agressão executado pelo regime do *apartheid*. Ele explicou a milhares de pessoas, durante um comício, como o avião havia sido desviado da sua rota normal por um falso sinal de rádio, indo de encontro a montanhas situadas no interior da África do Sul, muito próximas da fronteira com Moçambique.

Milhares de mortos

Os mortos resultantes do audacioso ataque realizado pelo comando sul-africano em Maputo, no final de Maio passado, são apenas uma fração mínima do incontável número de crimes em todo o território moçambicano. Em apenas 12 anos de independência, Moçambique perdeu nada menos do que 100 mil pessoas em consequência da violência dirigida pela África do Sul através da Re-

O general Magnus Malan (ao alto, dir.) fez graves acusações contra os chefes de Estado dos países vizinhos da África do Sul, que não esquecem o tom utilizado pouco antes do desastre aéreo que vitimou Samora Machel



namo.

Menos conhecida, mas também produto do cálculo relativo à guerra não-declarada contra o governo da Frelimo, é a morte prematura e silenciosa de milhares de menores de cinco anos. Um recente estudo publicado pelo Unicef¹ indica que, somente em 1985, 82 mil crianças menores de cinco anos teriam morrido em Moçambique como resultado do esquema de desestabilização acionado pelo regime do *apartheid*.

A violência introduzida no país afetou os planos do governo para setores vitais, como saúde, produção de alimentos, fornecimento de água potável e transportes. Os progressos que despontavam em 1979/1980 – reconhecidos a nível internacional – foram comprometidos pelos ataques desferidos contra áreas onde se desenvolviam projetos de grande importância social e econômica. Assim, destroem-se centros de saúde e maternidades, força-se a população a abandonar zonas de cultivo, atacam-se as regiões onde se realizam projetos de abastecimento de água, desorganizam-se as vias de transporte.

No entanto, o regime instituído pela Frelimo após o derrube do colonialismo português teve alguns êxitos significativos. Um deles foi o de Moçambique ter mantido um lugar de destaque dentro da SADCC. O clima de guerra não tem impedido a chegada de delegações estrangeiras interessadas no financiamento de projetos.

Outro fato importante para Moçambique foi a visita, no mês de Junho, de Mobutu Sese Seko, do Zaire. Essa viagem indicaria, por parte do dirigente zaireense, uma nova maneira de encarar a verdadeira natureza dos problemas que afligem a África Austral.

Num contexto mais amplo, encontram-se as relações com organismos internacionais do nível do Clube de Paris. Em Julho passado, representantes de 22 países da Organização de Cooperação para o Desenvolvimento (OCDE) e mais outras 13 instituições se dispuseram a emprestar a Moçambique cerca de 800 milhões de dólares anuais. Esses recursos seriam canalizados para o Programa de Reabilitação Econômica (PRE) promulgado pelo governo. ●

¹ "Children on the Front Line, the Impact of Apartheid, Desestabilization and Warfare on Children in Southern and South Africa", Herbold Green, Dereje Asrat, Marta Maurás e Richard Morgan, Unicef, 1987.